

Museus regionais animam mercado

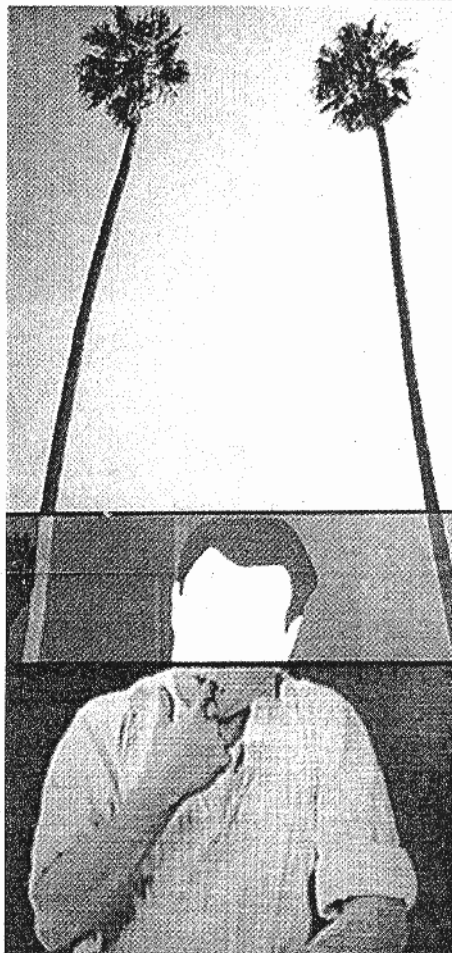
Espanha regista um 'boom' de novos locais de exibição de arte contemporânea. Portugueses também beneficiam desta 'movida'

> MARGARIDA BON DE SOUSA
Em Madrid

Espanha vive actualmente um boom no mercado das artes plásticas. Não só os mais importantes museus de Madrid - Prado, Thyssen e Rainha Sofia - se preparam para alargar as respectivas instalações, como a La Caja vai construir de raiz um novo espaço em alternativa ao da Calle Serrano para mostrar parte da sua colecção permanente e o seu programa de exposições temporárias.

Este movimento está longe de se circunscrever à capital espanhola. Um pouco por todas as regiões autónomas multiplicam-se os projectos de novos espaços dedicados à arte contemporânea, como em Málaga, Palma de Maiorca, Valladolid, Salamanca, Canárias ou Vitoria, naquele que é já aqui denominado como o «efeito Guggenheim», o qual conseguiu revitalizar Bilbao através do turismo cultural, subtraindo a cidade basca à profunda crise em que se encontrava mergulhada desde o afundamento da indústria pesqueira.

Se as entidades públicas autónomas são os principais motores desta nova movida cultural, há, aqui e ali, sinais evidentes de que a iniciativa privada se prepara para lhes seguir no encalço. É o caso de Valladolid, onde um grupo de 20 empresários maioritariamente locais decidiu, a partir de 1998, começar a constituir uma colecção dedicada exclusivamente à arte contemporânea espanhola, a qual desde Junho pode ser vista no museu Pateo Herrerriano, um espaço criado a partir da reabilitação do mosteiro de São Benito, num projecto assina-



do pelos arquitectos Juan Carlos Amuncio, Javier Blanco e Clara Aizpún.

Hoje, o acervo reúne 900 obras que cobrem o período de 1918 aos nossos dias, incluindo artistas como Miró, Barceló, Jorge

«Pateo Herrerriano, em Valladolid, gere um milhão de euros anuais para aquisição de obras

Oteiza, Joaquin Torres-Garcia, Ángel Ferrant, Tàpies ou Saura.

A pouco mais de uma hora, em Salamanca, e na esteira da cidade ter sido a capital da cultura euro-

peia no ano passado, uma antiga prisão foi igualmente alvo de uma reconversão em centro de arte contemporânea.

É certo que, por enquanto, são privilegiadas as mostras temporárias de artistas contemporâneos, sobretudo no domínio da fotografia e dos audiovisuais, embora algumas obras estejam a ser adquiridas para colecção. Para se ter uma ideia do impacto que os novos museus vão ter no panorama artístico espanhol - e não só, incluindo-se alguns artistas portugueses, como Helena Almeida, na mira dos responsáveis pela constituição das novas colecções - cada uma destas instituições gere um orçamento anual para aquisições na ordem do milhão de euros.

Esta nova realidade justifica, em parte, o optimismo cauteloso de Rosina Gómez-Baeza, directora da Arco, relativamente à feira deste ano, apesar das ameaças de uma nova guerra contra o Iraque. «Existe uma série de novos museus que estão a constituir as suas colecções e que vão certamente aproveitar a oportuni-

dade da feira para fazerem novas aquisições», disse ao DN, realçando a necessidade de se incutir confiança junto dos privados para que aumente o número de parcerias com o sector público.

É ainda cedo para se fazer um balanço deste novo movimento nos resultados da Arco deste ano. Mas só para dar um exemplo, o Museu Santander, que abriu as portas no final de 2005, já fez aqui algumas aquisições.

Só daqui a dez ou 20 anos se poderá aferir do resultado desta proliferação de iniciativas. Mas que a dimensão do fenómeno é surpreendente para quem aterra em Madrid, é...

» Linha de Apoio ao Leitor DN: 218 507 702

» Linha de Informações e Sugestões

» Horário: de 2.ª a 6.ª (09H00 - 20H00); sábados (09H00 - 18H00)